

Correio militar do meu trisavô Alois Paintner (*1883 - † 1961)

20 de Março de 1917

À minha querida família,

Depois de dois dias e duas noites inteiras voltei finalmente da minha trincheira para o nosso acampamento. Estou completamente cansado e desmoralizado. Tivemos que escavar novas trincheiras porque conseguimos avançar uns metros.

Depois de vários dias de chuva estávamos até aos joelhos na lama. Perdi as minhas botas e trabalhei o último dia de meias com dois graus de temperatura. O nosso oficial zangou-se imenso comigo por ter perdido as botas, mas o que é que eu posso fazer? Espero que agora a nossa trincheira aguente e que não aconteça o mesmo que da outra vez: nós escavámos vários dias com enxadas, mas uma granada caiu quase ao nosso lado e tudo ficou cheio de terra outra vez. O pior não foi termos tido o trabalho para nada, mas sim porque morreram outra vez dois dos meus amigos. Ainda bem que não passei por aquilo que o meu camarada Otto passou: tinham há pouco tempo enterrado os nossos colegas mortos quando caiu outra granada. A terra voou com partes dos corpos dos mortos pelo ar. É tão assustador o que nós temos que ver aqui. Eu parei de contar quantos amigos morreram até ao dia de hoje. Imensos feridos estão no hospital provisório a gritar de noite e de dia devido às dores. É horrível viver num sítio destes. Espero tanto que a morte de tantos homens ainda novos acabe rapidamente. É como num pesadelo.

Mas, mesmo assim, tenho imensa sorte. Meus queridos pais, eu agradeço cada segundo que me deixaram aprender a tocar vários instrumentos. Com a minha profissão como músico e professor de dança quase que nunca tenho que ir para a frente de combate. O oficial diz-me sempre que ele tem que proteger os meus dedos para eu poder tocar bandoneon. Quando (raramente) há paz durante algumas horas na frente, até temos algum tempo agradável. Aproveito para ensinar os soldados a dançar para eles se esquecerem um bocadinho do dia-a-dia horrível. Por um lado, sei que o meu trabalho é muito importante para distrair os meus colegas, mas também me sinto mal porque os meus colegas avançam para a frente em direcção à morte e eu posso ficar para trás. Até na alimentação estou num estado superior, isto tudo é um grande privilégio.

Ainda tenho esperança de vos ver vivos e felizes na nossa vida. Um grande abraço

O vosso filho

Alois

Os assuntos relatados anteriormente, reais, recebi através da minha bisavó Luise Kober (88 anos), a filha de Alois Paintner que sobreviveu à 1ª Guerra Mundial. Ele esteve estacionado em Verdun.

O meu trisavô, como todos os seus amigos desta época, nunca contaram nada acerca destes acontecimentos à família. Queriam esquecer tudo. A minha bisavó só conheceu esta história porque bisbilhotou o pai dela a falar com o amigo Otto.

Esta carta nunca existiu mas para mim foi uma forma de contar. Os objetos pessoais do meu trisavô como as cartas estão no museu militar em Ingolstadt.

Com este trabalho realizei também que eu não existiria se o meu trisavô não tivesse voltado da Guerra.

Escola E,B 2,3 São Vicente

Lorenz Levin Iblher Nº11 9ºA